

No biênio de 2018/19, o PIB do setor industrial cresceu 0,5% a.a., significando os melhores resultados desde 2013. Mas esse diminuto desempenho, inferior ao apresentado pelos setores de serviço e agropecuária, demonstra a delicada situação do setor industrial brasileiro, que tem perdido participação na composição do PIB nas últimas décadas sem necessariamente ser substituído por segmentos que ampliem a eficiência e a capacidade de geração de valor adicionado na economia.

Segundo o Observatório da Produtividade do Instituto Brasileiro de Economia, entre 1995 e 2015 a produtividade por hora trabalhada regrediu no setor industrial, na indústria de transformação e na maioria dos segmentos de serviços. A exceção foi da indústria extrativa, dos serviços industriais de utilidade pública e dos serviços de intermediação financeira.

Em 2020, a pandemia que se abateu especialmente após o mês de março já revelou seu impacto econômico sobre o PIB do primeiro semestre do ano, que apresentou retração de 5,9% comparado ao primeiro semestre do ano anterior. Nesta mesma comparação, a indústria de transformação e os serviços de transporte foram os que apresentaram maior recuo, com -10,7% e -11,3%, respectivamente.

Apesar do resultado ruim acumulado no primeiro semestre, os dados da Sondagem Industrial da CNI, bem como a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE apontam que o volume de produção deixou de diminuir a partir de maio, embora esteja distante do nível apresentado antes dos efeitos da pandemia, com grande variação entre os subsetores. A melhora no nível de confiança apontada pelos industriais nos últimos meses também corrobora essa tendência.

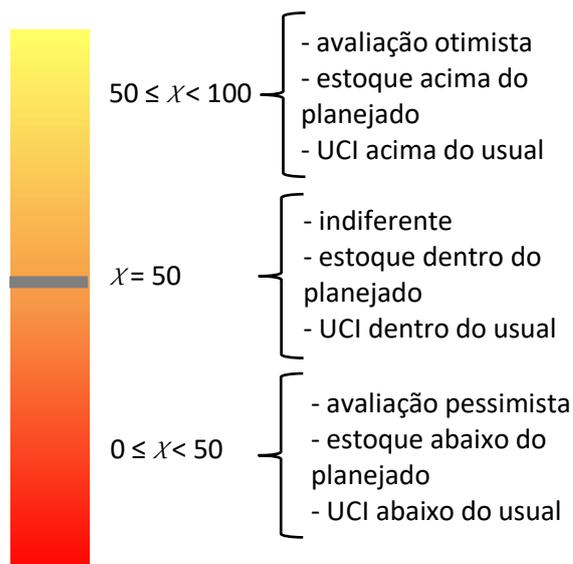
O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) projeta para este ano retração de 6% do PIB brasileiro. Segundo o Relatório FOCUS do Banco Central, na primeira semana de setembro a projeção do mercado apontou retração de 5,3% do PIB neste ano.

As páginas a seguir trazem alguns resultados da Sondagem Industrial (SI) e do Índice de Confiança Industrial (ICEI) elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). A Universidade Metodista de São Paulo, por meio do Observatório Econômico, realiza desde março de 2016 um recorte regional da indústria do Grande ABC em parceria com CNI e FIESP.

O indicador para cada item questionado na pesquisa é formado a partir da ponderação das respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados, temos que considerar a seguinte regra para o **escore**

**X:**



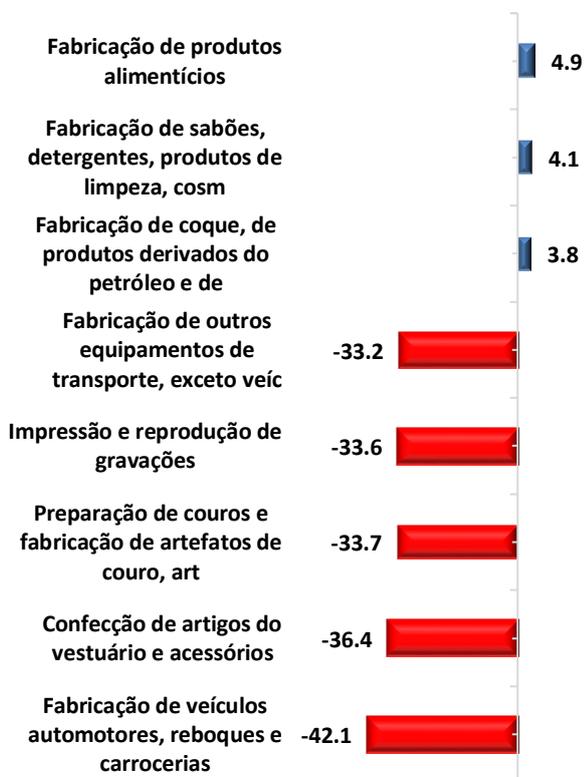
## PIB da indústria brasileira tem uma das maiores retrações desde 1996

Os 6,5% negativos do PIB da indústria brasileira no primeiro semestre de 2020 representam uma das maiores quedas semestrais observadas desde meados da década de 1990 (1996). Apenas no primeiro semestre de 2009 e no segundo semestre de 2015 o desempenho foi pior. Contudo, a indústria de transformação apresentou retração de 10,7%, sendo o pior desempenho desde a crise de 2008, constituindo o pior desempenho semestral do setor nos últimos 24 anos.

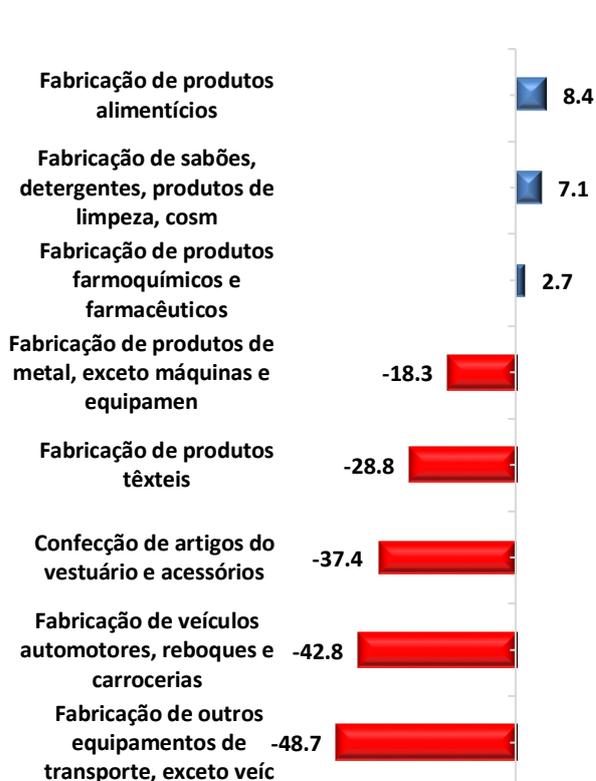
No acumulado de janeiro a julho, a produção física industrial, segundo a PIM/IBGE, registrou retração de 9,6%, e de 10,6% na indústria de transformação. No Estado de São Paulo, a indústria de transformação teve queda de 12,4% na produção física, segundo a mesma pesquisa.

Tanto no Brasil como no Estado de São Paulo, os setores que apresentaram os melhores desempenhos entre janeiro e julho foram os de alimentos industrializados e de produção de produtos de limpeza, higiene e cosméticos.

**Produção industrial no Brasil - julho 2020 (var. % acum. no ano)**



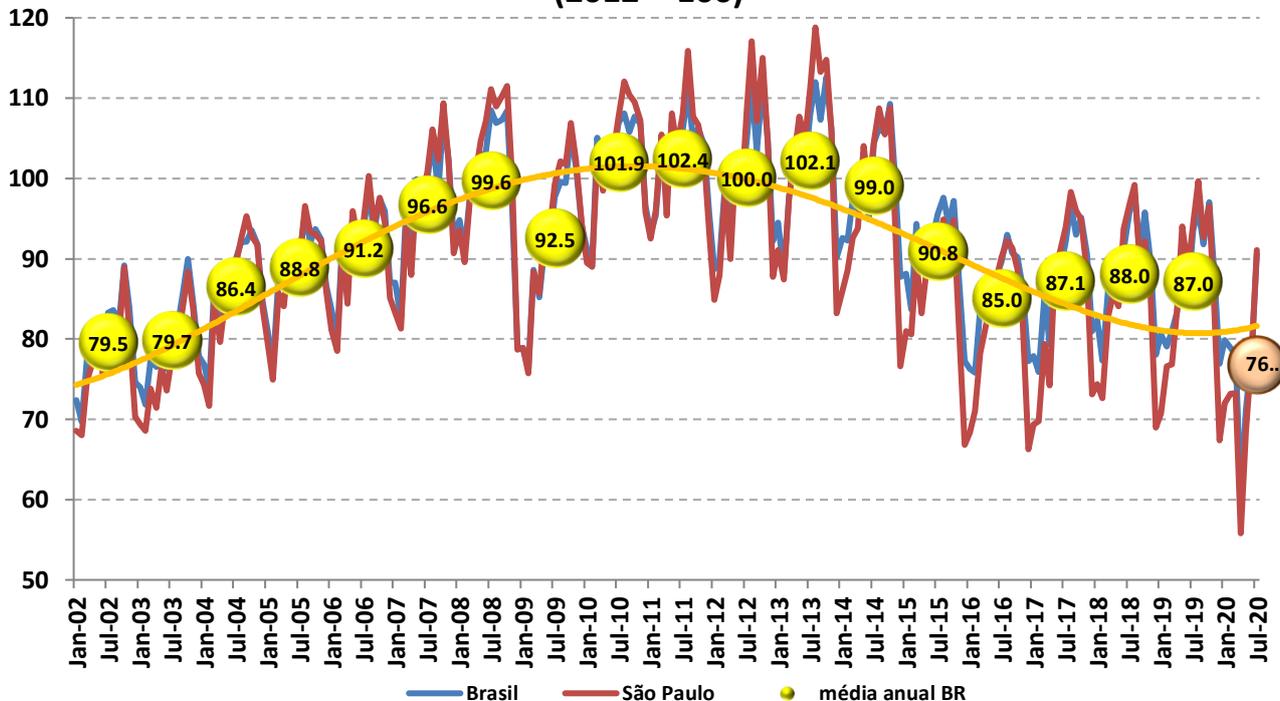
**Produção industrial em São Paulo - julho 2020 (var. % acum. no ano)**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal/IBGE

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal/IBGE

**Pesquisa sobre Produção Física Mensal na Industrial - IBGE  
(2012 = 100)**



Fonte: PIM/IBGE

Na outra ponta, entre os setores que apresentaram as maiores quedas no volume de produção estão a fabricação de veículos, de materiais de transporte, confecção de artigos de vestuário e artefatos de couro. No Estado de São Paulo, os setores de fabricação de produtos têxteis e metalurgia também registraram retrações expressivas no volume de produção nos sete primeiros meses de 2020.

Outro ponto de destaque é observado ao avaliarmos a trajetória da produção física do setor industrial nos últimos anos, apresentada no gráfico acima. Considerando a média anual para o indicador

da PIM/IGE, o ápice da produção do setor foi observado entre 2011 e 2013, seguido de significativa queda até 2016.

Após três anos de estagnação, o indicador de produção física industrial regrediu no primeiro semestre de 2020 para o menor desempenho desde o início da série, em 2002, ao marcar 76,2 pontos.

Os efeitos do distanciamento social e da retração da atividade econômica se mostraram mais intensos no setor industrial em abril e maio, influenciando de forma decisiva o desempenho do setor.

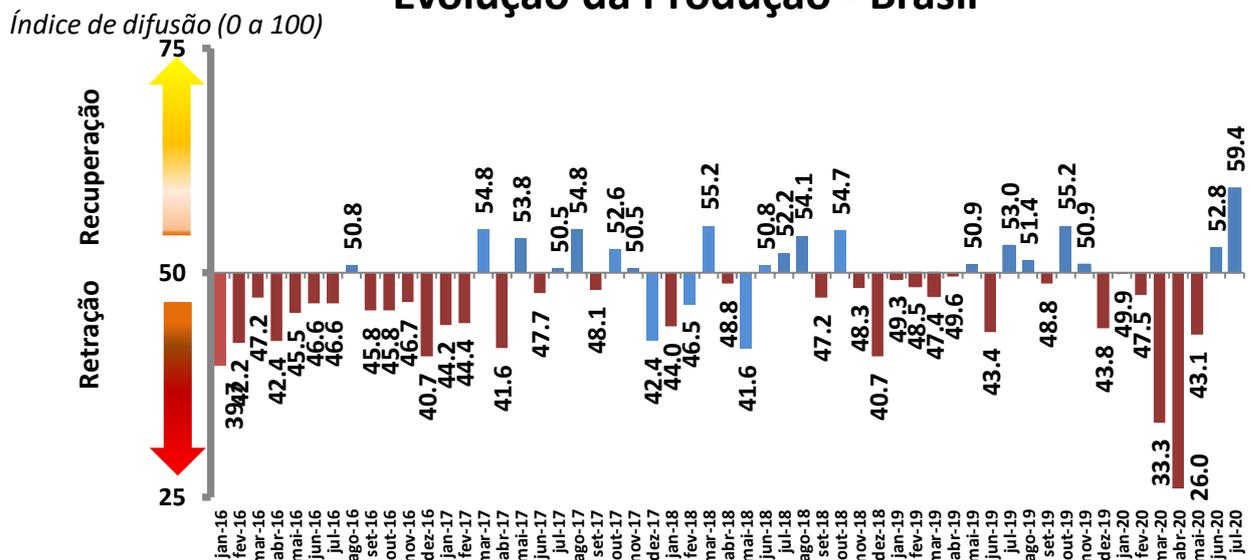
## Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

Junho e julho, segundo levantamento realizado junto à indústria, apontaram recuperação da produção após seis meses de retração. Assim como os dados apresentados pela PIM/IBGE, março, abril e maio registraram os efeitos mais agudos da pandemia sobre o setor industrial brasileiro.

Cabe ressaltar, entretanto, que estes efeitos se fizeram sentir em nível mundial, afetando negativamente o setor industrial da grande maioria

dos países. Nesse contexto, alguns analistas internacionais apontam para possível tendência de revisão de estratégias por parte das empresas globais, tendo em vista problemas nas redes de abastecimento que muitas passaram a sofrer, e de reindustrialização dos EUA e Europa, em um claro esforço de política pública para fomentar a retomada da atividade econômica.

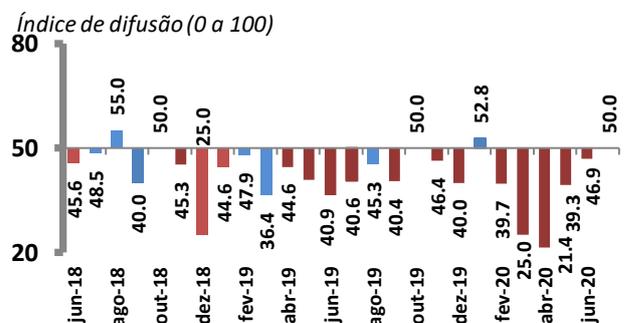
### Evolução da Produção - Brasil



O setor industrial instalado na região Sudeste do País também apresentou recuperação da produção em julho e junho, após sequência de sete meses em retração, segundo levantamento da Sondagem Industrial.

No Grande ABC, contudo, apesar da lenta recuperação da produção apontada em janeiro, os meses subsequentes de 2020 apontam queda de produção e estabilidade em julho.

### Evolução da Produção - Grande ABC

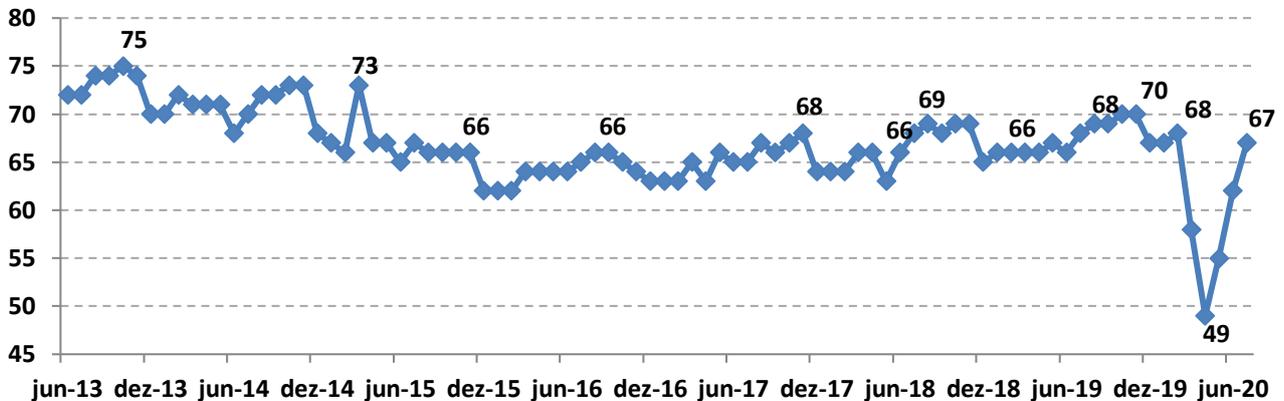


O desempenho do Grande ABC, a priori, aponta maior lentidão na retomada da atividade industrial comparativamente à indústria nacional e do Sudeste do País.

Outra informação essencial para esta avaliação é a variação na utilização da capacidade instalada industrial. Em nível nacional, em julho, o

grau de utilização da capacidade instalada pelo setor industrial foi de 67%, aproximando-se dos índices observados entre o segundo semestre do ano passado e o início da pandemia. Abril registrou o menor grau de utilização do potencial de produção, com apenas 49%.

### Utilização de capacidade instalada Brasil (em %)



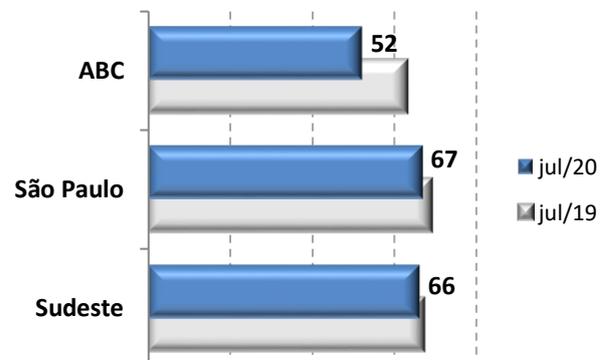
No Estado de São Paulo, o grau de utilização da capacidade instalada atingiu 67% e na região Sudeste 66%, próximos aos registrado em julho de 2019.

No Grande ABC, a utilização da capacidade instalada ficou em 52%, 11 pontos percentuais abaixo de julho de 2019. No auge dos efeitos da pandemia, a utilização da capacidade instalada pela indústria do Grande ABC foi de apenas 39%. Isso corrobora a avaliação sobre a maior lentidão da indústria local em retomar a atividade, comparativamente ao cenário nacional e estadual.

Possivelmente, a composição setorial da industrial local, o grau de dependência em relação à importação de insumos industriais e a elevação do

custo, além das dificuldades para importação desses itens, podem ajudar a explicar esse comportamento.

### Utilização da Capacidade Instalada - Jul/ 2020 (em %)

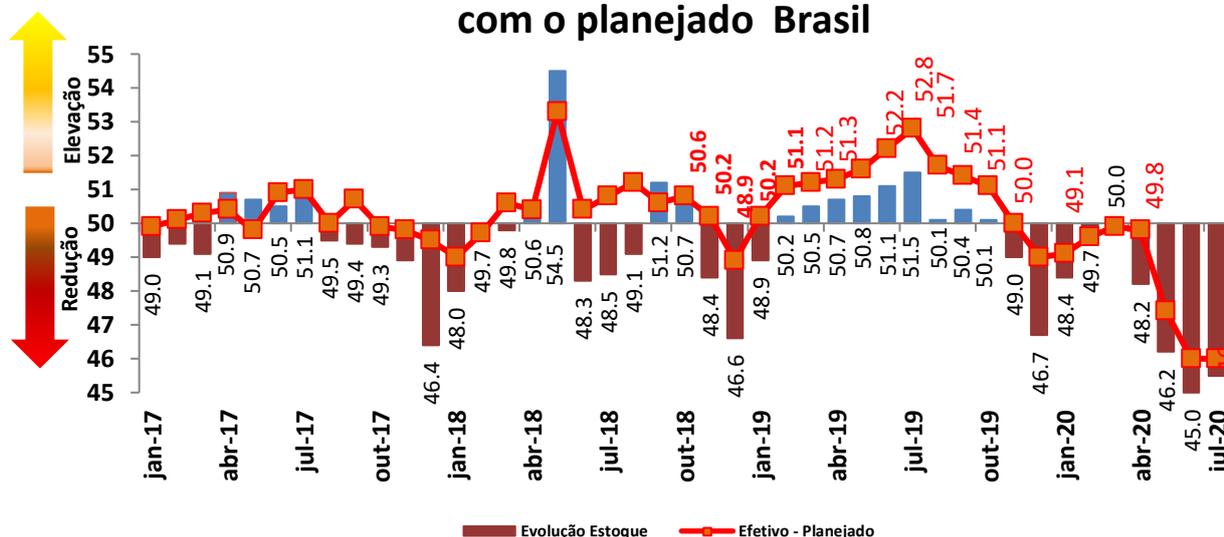


Com relação ao número de empregados, a Sondagem Industrial continuou apontando cenário negativo. Analisando os dados do mercado formal de trabalho, entre janeiro e junho deste ano a indústria de transformação perdeu 8.142 postos formais de trabalho no Grande ABC, bastante acima da redução de 1.068 postos no primeiro semestre de 2019, ano em que o setor fechou com saldo negativo de 4.900 postos formais de trabalho. Considerando todos os

setores da economia, o Grande ABC perdeu 31.450 postos formais de trabalho neste ano, quase o triplo do saldo positivo de empregos gerados no biênio 2018/19, de 11.841.

Devido à retração da atividade produtiva no primeiro semestre, a indústria registrou queda nos estoques efetivos, bem como na comparação frente ao estoque planejado.

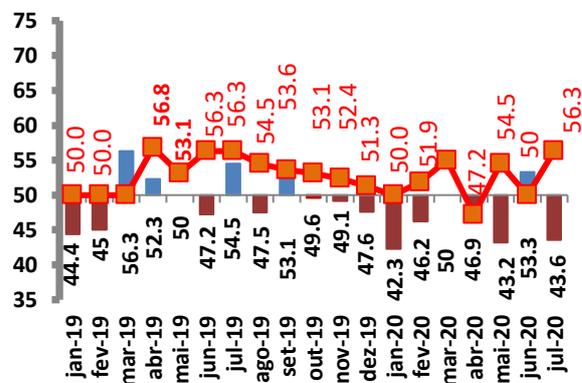
## Evolução dos estoques efetivos e sua comparação com o planejado Brasil



Isso não significa a existência de um período de demanda satisfatória, capaz de reduzir os estoques. Mas sim o efeito do ajustamento do ritmo de produção frente a uma demanda retraída em função da desaceleração das atividades econômicas nos últimos meses - comportamento também apresentado pelo setor na região Sudeste.

No Grande ABC, os estoques efetivos da indústria também retraíram. Entretanto, maio e julho apresentaram elevação dos estoques efetivos em relação ao planejado. Possivelmente, em função da efetivação de uma demanda abaixo das expectativas ao se planejar os estoques.

## Estoques efetivos e planejados - Grande ABC



Com retração na produção, elevação da capacidade ociosa ao longo do primeiro semestre, menor nível de demanda e maiores restrições financeiras, o setor industrial apresentou queda na intenção de investimentos para os próximos meses.

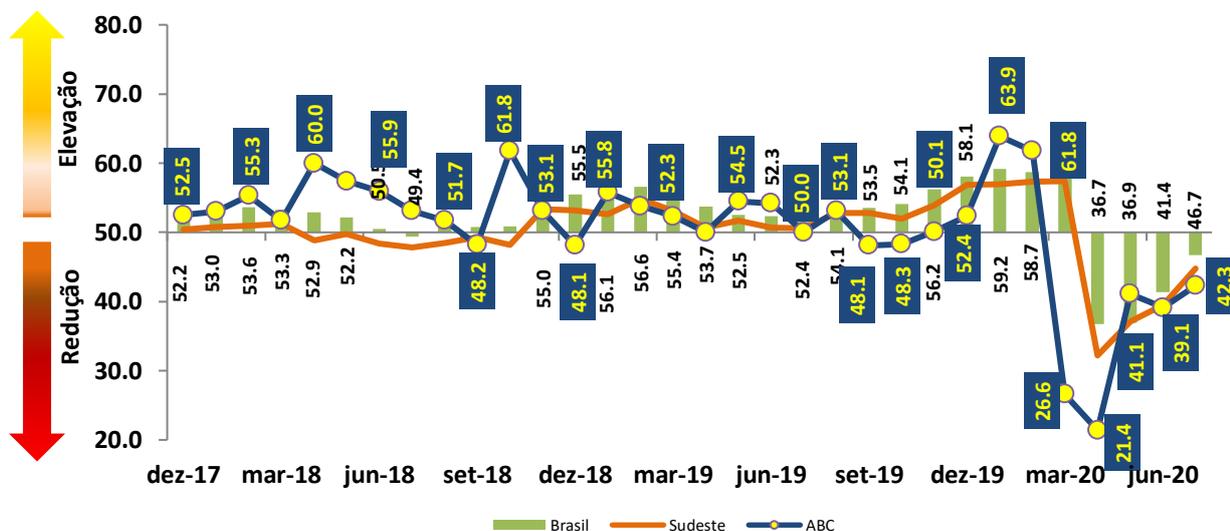
Não há plano de investimento produtivo que se sustente frente à retração da atividade econômica e, conseqüentemente, queda das expectativas de vendas. Há que se ponderar ainda que o setor industrial ampliou a disponibilidade da capacidade ociosa.

Segundo o IBGE, no primeiro semestre deste ano a taxa de formação bruta de capital fixo ficou em apenas 15% do PIB. É um dos menores da série

histórica registrada pelas Contas Nacionais. Alguns analistas apontam que um dos principais desafios da economia brasileira é elevar o volume de investimentos na ampliação da capacidade produtiva para cerca de 25% do PIB, meta proposta no lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento há mais de 10 anos.

Desde abril, o indicador de intenção de investimentos nos próximos meses pelo setor industrial tem demonstrado retração em relação ao mês imediatamente anterior. Entre as indústrias do Grande ABC, esta redução ocorre desde março.

## Intenção de Investimento pela Indústria



Os indicadores de intenção de investimento deverão apresentar melhora apenas após a ampliação da atividade econômica, redução da capacidade produtiva ociosa no setor industrial e aumento da confiança e das expectativas do setor em relação à economia brasileira e à atividade econômica do setor no qual a empresa está inserida.

Ou seja, a melhora no volume de investimentos efetivos ainda demandará tempo, cuja extensão dependerá do ritmo de retomada da atividade econômica setorial.

Nesse sentido, a avaliação dos gestores do industriais do Grande ABC apresenta perspectivas bastante cautelosas frente ao cenário econômico que

se instalou nos últimos meses. Considerando a avaliação no primeiro semestre do ano comparada a igual período do ano anterior, o índice de dispersão médio do período apontou redução de perspectiva do setor industrial para com a demanda interna e a compra de matéria-prima no Grande ABC, em 9,2 e 9,1 pontos respectivamente, em uma escala até 100.

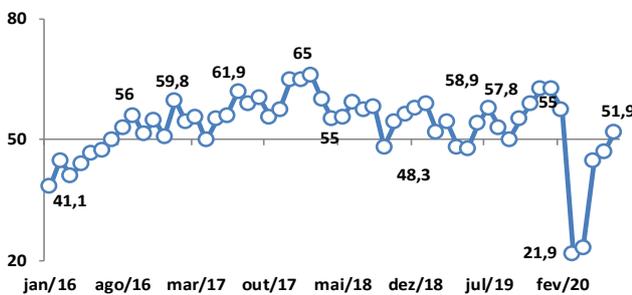
Já as expectativas de contratação de empregados, que já se mostravam negativas, regrediram 4,5 pontos. As perspectivas de exportação, mesmo com a desvalorização do R\$ frente ao dólar, retraíram cerca de 8 pontos. Isso pode ser explicado, entre outros fatores, pelo contexto de retração da atividade econômica em

nível mundial, e a tendência de ampliação das ações protecionistas ao redor do mundo. A exemplo das recentes ações dos EUA de redução das cotas de importação de aço do Brasil.

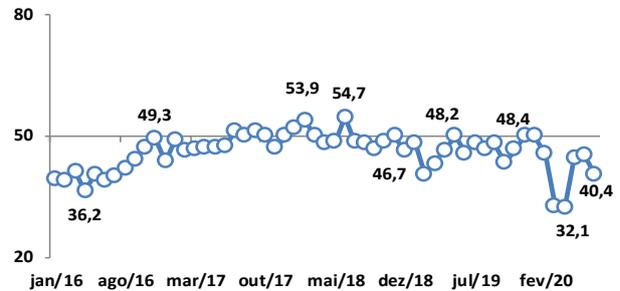
Considerando o volume de exportações e importações entre janeiro e agosto de 2020, o Grande ABC registra superávit comercial de cerca de US\$ 176 milhões, ante déficit de US\$ 112 milhões em igual período do ano anterior. Entretanto, a corrente de comércio exterior neste ano de 2020 regrediu aproximadamente 29% e 48% em relação ao mesmo período dos anos de 2019 e 2018, respectivamente.

**ABC**  
**Perspectivas do Setor Industrial**

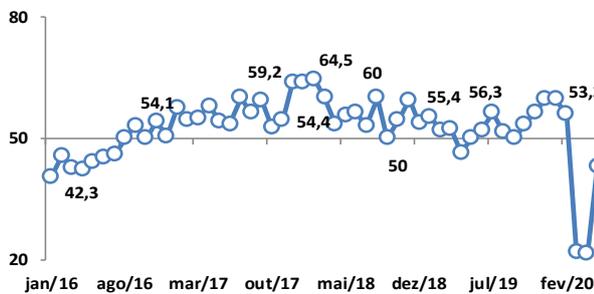
**Evolução de Demanda**



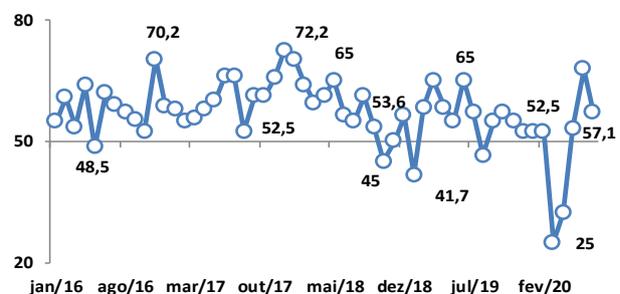
**Evolução do número de empregados**



**Evolução das compras de matéria-prima**



**Evolução da quantidade exportada**



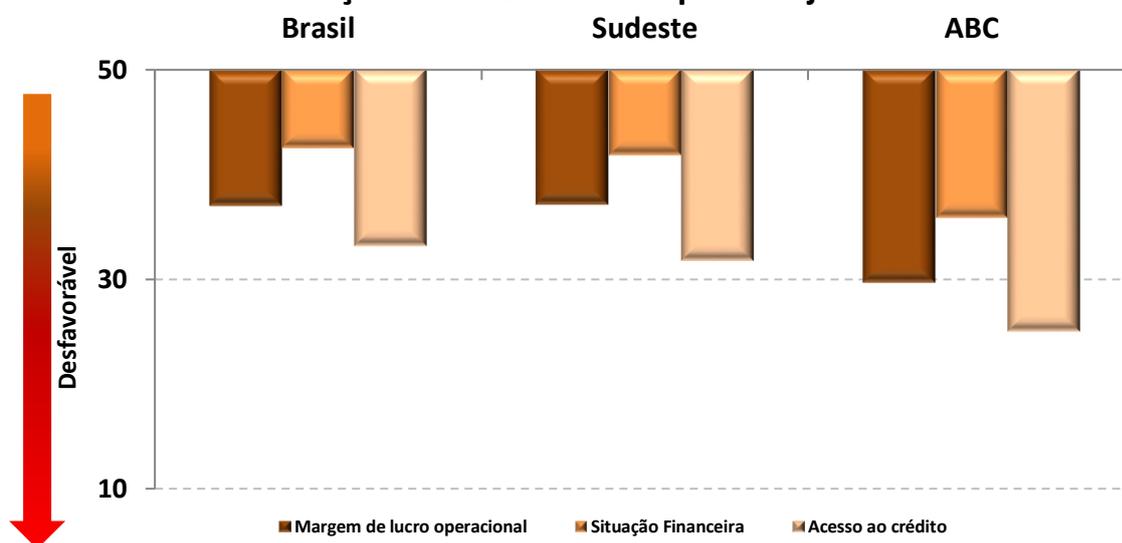
Com relação à condição financeira das empresas do setor, os indicadores da Sondagem Industrial apontaram significativa piora

Diante do atual contexto, quando comparado a julho de 2019, todos os indicadores relacionados ao tema na Sondagem Industrial regrediram. Comparado às condições declaradas pelas indústrias no recorte nacional e da região do Sudeste, que apresentam indicadores próximos, as indústrias

instaladas no Grande ABC se deparam com maiores desafios quando à sua condição financeira.

Comparado a julho de 2019, os gestores do setor industrial da região declararam piora mais acentuada na margem de lucro (-9,9; na escala de dispersão de 0 a 100) e nas condições de acesso a crédito (-7,1 pontos).

### Condição financeira das empresas - junho de 2020



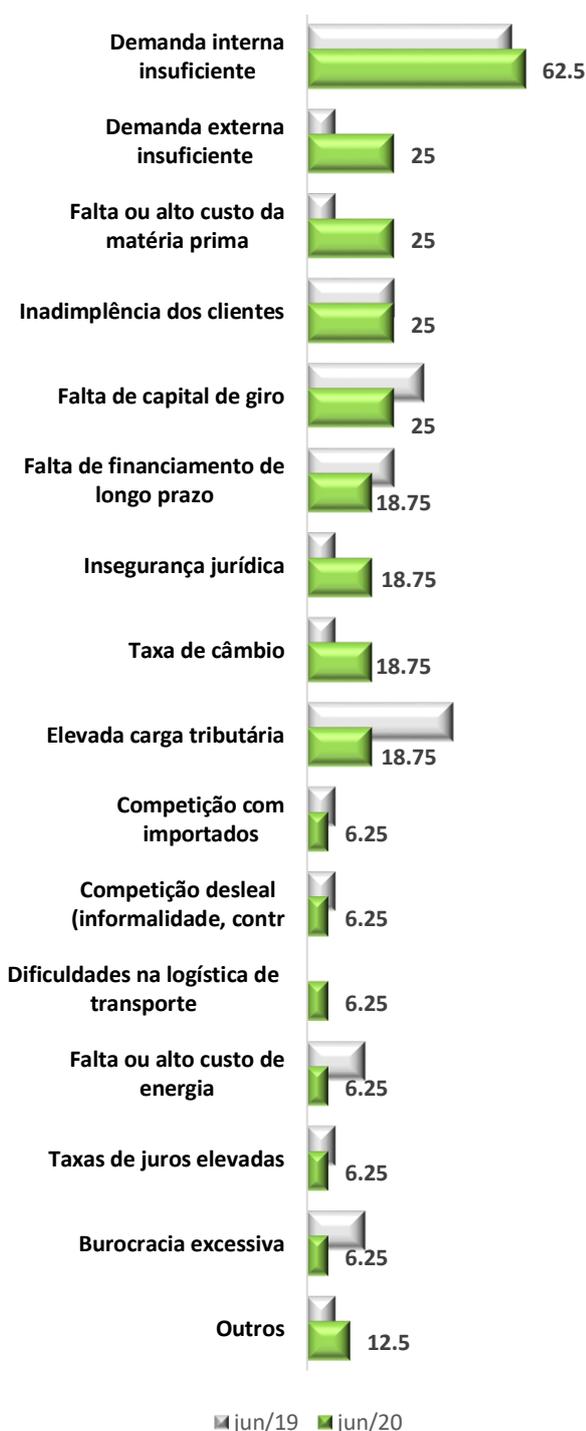
Estes indicadores também ajudam a explicar a retração mais acentuada na intenção de investimentos da indústria do ABC paulista.

De forma geral, o cenário marcado por queda no volume de produção, elevada ociosidade da capacidade instalada e retração das perspectivas para um futuro próximo do setor apontam que a atual condição industrial está longe de ser confortável. Sobretudo ao considerar o acirramento das políticas protecionistas, ou seja, as tendências de políticas econômicas voltadas a estimular os setores produtivos internos por parte das nações mais ricas.

No mínimo, parece necessário incluir na agenda de ações da equipe econômica do governo federal e também estadual a discussão de políticas ativas de estímulo à atividade econômica. Deve-se incluir propostas setoriais, entre as quais aquelas direcionadas ao setor industrial.

A atual conjuntura de recessão mundial, como ocorrido em outros momentos da história, não se mostra favorável à agenda plenamente liberal.

## Principais problemas enfrentados pelas Indústrias do GABC (% das empresas)



Frente ao atual contexto, os principais problemas do setor industrial do Grande ABC apresentam forte diferença em relação àqueles citados nas pesquisas anteriores. Por exemplo, a elevada carga tributária e a insegurança jurídica deixaram de figurar entre os principais entraves do setor neste período.

O principal problema apontado pela indústria tanto no Grande ABC quando em nível nacional como estadual é a falta de demanda interna e externa. Isso é explicado pelos efeitos econômicos impostos pelas ações de distanciamento social, com vistas a diminuir a taxa de contágio pelo coronavírus.

Seguem-se a estes problemas a falta ou elevado custo das matérias-primas (reflexo da retração da produção dos fornecedores), dificuldades logísticas em função dos esforços para diminuir a circulação de pessoas e a desvalorização do real. A inadimplência dos clientes também é explicada pela queda de demanda, o que traz retração do capital de giro, também apontado com um dos problemas pelos gestores industriais do Grande ABC.

Só então foram citadas as questões referentes à insegurança jurídica, à taxa de câmbio (especialmente pelos importadores) e à carga tributária. O que não as tornam irrelevantes.

Entretanto, assim como na edição anterior do Boletim IndústriaABC, cabe voltar ao questionamento. Dado o agravamento da falta de demanda, que já era apontada pelo setor produtivo mesmo antes da pandemia, a estratégia da equipe econômica de orientar-se pelo viés da escola liberal clássica é a mais adequada? Reitera-se, entretanto, a extrema necessidade de ampliar o ambiente de negócios na economia brasileira, bem como se mostra urgente a adoção de políticas públicas ativas.

## Indicadores de Confiança da Indústria

O Índice de Confiança da Indústria (ICEI) em julho de 2020 mostrou-se bastante superior ao apresentado em abril, no auge das incertezas provocadas pela pandemia. Entretanto, os mesmos apresentam-se significativamente inferiores ao observado em julho de 2019.

Esta redução foi puxada com maior intensidade pela queda da confiança em torno das condições conjunturais de curto prazo, em especial em torno da economia brasileira.

As expectativas da economia brasileira, que buscam captar o nível de confiança a médio prazo, também apresentaram retração acentuada em comparação com julho de 2019.

Inevitavelmente, o atual contexto econômico também levou à queda do índice de confiança sobre condições da empresa e das expectativas em torno da mesma.

Embora o encaminhamento das reformas estruturais com vistas a melhorar o ambiente de negócios no País tenha potencial de trazer melhorias no Índice de Confiança dos industriais, a atual conjuntura traz novos desafios aos “*policy makers*”. Entre os quais, a demanda pela adoção de políticas públicas ativas, tanto no sentido de amenizar o impacto da atual recessão sobre o fluxo de renda circulante na economia, como com vistas a fomentar a recuperação do nível de atividade econômica.

### Indicador de Confiança da Indústria - jul/2020

	Brasil	Sudeste	GABC
ICEI	47,6	46,8	45,5
Indicador de Condições	34,5	33,2	25,0
Indicador de Expectativas	54,1	53,6	55,8
Condições da Economia	27,9	25,9	21,2
Condições da Empresa	37,8	36,8	26,9
Expectativas da Economia Brasileira	48,5	47,5	51,9
Expectativas da Empresa	57	56,6	57,7

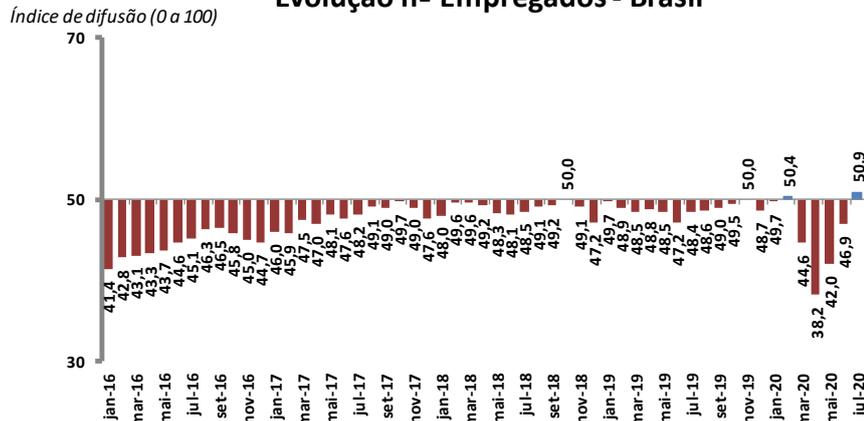
O ICEI dos industriais do Grande ABC também apresentou forte retração. Entretanto, o item majoritário nesta queda foi a desconfiança em relação às condições atuais da economia brasileira. Isso também se refletiu na queda da confiança sobre as condições das empresas.

Os próximos meses serão cruciais para avaliarmos a eficácia das ações de políticas públicas adotadas com objetivo de estimular a retomada da atividade econômica.

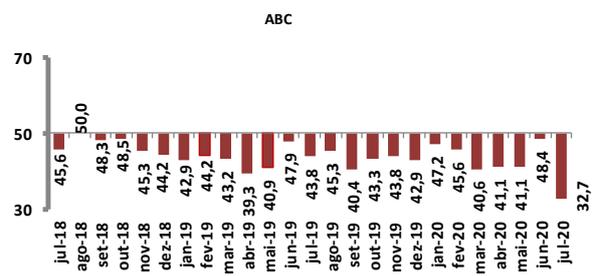
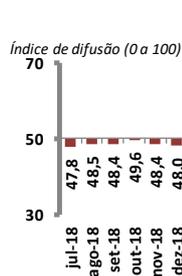
O período promete colocar à prova a orientação liberal da atual equipe econômica do governo federal. Haja vista tanto as demandas por parte de diversos setores produtivos por uma postura mais ativa do Estado, como as práticas de ações intervencionistas ao redor do mundo, com destaque às ações dos governos dos EUA e da União Europeia, que já anunciaram os maiores pacotes de ajuda de suas respectivas histórias.

ANEXO

Evolução nº Empregados - Brasil



Evolução nº Empregados





**Observatório Econômico**

**Universidade Metodista de São Paulo**

**Escola de Gestão e Direito**

**Curso de Ciências Econômicas**

**Reitor**

Dr. Márcio Oliverio

**Diretor do Campus Rudge Ramos**

Ms Marcelo Santos

**Coord. do Curso de Ciências Econômicas**

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

**Coordenador de Estudos**

Dr. Sandro Renato Maskio

**Professor Pesquisador**

Dr. Moisés Pais dos Santos

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



**A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.**

**Patrocine esta iniciativa!**

**E-mail: [observatorio.economico@metodista.br](mailto:observatorio.economico@metodista.br)**

**Tel: 4366-5035**